

O consumo de romances e o universo feminino: as práticas de leitura dos livros do coração

Roberta Manuela Barros de Andrade¹, Erotilde Honório Silva²

Resumo

A literatura de massa encontra um lugar de destaque nas práticas culturais de consumo da contemporaneidade. Neste contexto, os romances sentimentais são os mais populares dos gêneros de ficção da atualidade, movimentando um mercado bilionário ao redor do mundo. Este trabalho se insere, pois, na história dos usos e formas de apropriação do gênero por seus leitores. Assim, elegemos como objeto de análise as práticas de leitura de uma comunidade interpretativa, situada no município de Fortaleza, na região nordeste do Brasil. Para tal, selecionamos como informantes desta pesquisa, leitoras, de gerações e posições sociais diferentes, consumidoras frenéticas de tais romances.

Palavras-chave: Literatura de Massa. Romances Sentimentais. Consumo. Comunidades Interpretativas. Práticas de Leitura.

Abstract

Mass literature finds a prominent place in the cultural practices of contemporary consumption. In this context, the sentimental novels are the most popular genres of fiction today, moving a billionaire market around the world. This work is part of the history of the practice of reading the sentimental novels, which means, its uses and forms of ownership. Thus, we elected as object of analysis the reading practices of an interpretative community, situated in the city of Fortaleza, in northeastern of Brazil. To this end, we selected as the main point of reflection, readers of different generations and social positions of sentimental novels, who eagerly consume such novels.

Keywords: Mass Literature. Sentimental Novel. Consumption. Interpretive Communities. Reading Practices.

Os Romances do coração: leituras e leitores

“McNeill puxou-a com força de encontro ao peito e beijou-a com um desejo selvagem, não mais se reprimindo e perdendo-se na ardente sensualidade da mulher que tinha nos braços.” (WENTWORTH, 1982, p.118). A frase acima, retirada de um romance sentimental típico, pode ser encontrada, com poucas variações, em vários livros do gênero, disponíveis em bancas de revistas, em grandes livrarias e mesmo em sebos ou em pequenos estabelecimentos comerciais hospedados na internet. Trata-se

¹ Prof^a Adjunta do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará. Mestrado e doutorado em Sociologia pela UFC. E-mail: manubarros@secrel.com.br

² Prof^a Titular do Curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará. Mestrado e doutorado em Sociologia pela UFC. E-mail: eroh@unifor.br

de um tipo de literatura consumida por milhões de mulheres ao redor do mundo, denominada de romance sentimental, romance cor de rosa ou romance do coração.

A crítica especializada chama de romances sentimentais uma obra de ficção cuja temática trata de sentimentos e paixões, com expressões variadas e polissêmicas, com pesos e formatos desiguais. São, pois, histórias de amor que destacam os estados emocionais e os conflitos internos das personagens muito mais do que as suas ações externas (SAMONÁ, 1980). Estes romances, historicamente constituídos, são classificados como partícipes da literatura de massa, produzida para o entretenimento a partir de uma demanda de mercado destinada a um amplo público consumidor, englobando todas as gerações, gêneros e classes sociais. A literatura de massa é entendida como uma narrativa de consumo imediato, repleta de clichês, sem originalidade de estilo, com enredos previsíveis, pouco recorrendo a estruturas de raciocínio mais complexas (SODRÉ, 1978; CALDAS, 2001; AVERBUCK, 1984). Nesta literatura, existem diversos gêneros e formatos, com unidades temáticas e discursividades distintas.

No interior da literatura de massa se destacam os livros de ficção científica, os livros policiais, os livros de faroeste, os livros de aventuras e os livros de autoajuda. Estes gêneros se definem a partir de elementos que sempre devem estar presentes a fim de serem alocados dentro de sua modalidade. Em relação aos livros de ficção, estes podem ser entendidos como a tentativa de imaginar mundos futuros nos quais os avanços tecnológicos ganham destaque, no interior de um relato que, em geral, tem cunho catastrófico, podendo ou não haver uma história de amor como pano de fundo do enredo (JAMESON, 2005). Já os livros policiais se destacam pela presença de um crime, que à primeira vista, parece ser insolúvel, mas não o é, pois, seu desvelamento será dado por um detetive de mente privilegiada que, mediante uma análise racional de pistas e uma compreensão minuciosa do comportamento humano, chegará a sua descoberta. Neste relato, pode estar ou não incluso uma história de amor como substrato do crime.

Quando nos referimos a livros de faroeste, são elementos básicos de sua formação: a luta entre heróis e bandidos, as armas de fogo, a exploração de um grande e desconhecido território e a busca pela justiça, podendo incluir ou não uma história de amor como consequência desta busca. Por outro lado, os livros de aventura tem o objetivo de contar peripécias. O herói, em geral, é uma personagem amável (criança, adulto ou adolescente), que é retirada de sua vida cotidiana e se vê compelida a enfrentar eventos extraordinários. O protagonista reage aos perigos com certos atributos (coragem, astúcia, inteligência). Neste tipo de enredo, uma história de amor pode ou não surgir como elemento secundário da trama. No que tange aos livros de autoajuda, gênero abundante no mundo contemporâneo, estes se caracterizam por se centrarem no discurso do aconselhamento (em geral, de cunho médico-psiquiátrico e psicológico). São preches de conselhos, dicas, instruções de comportamento, recheados

ou não de textos de cunho informativo (MEURER, 1998). É muito raro trabalharem com relatos amorosos, exceto nos casos de junção entre livros de autoajuda e religiosos, como naqueles voltados ao espiritismo e crenças similares.

Nesta plêiade de gêneros, os livros sentimentais se destacam por centrarem seu relato no encontro amoroso e em suas dificuldades de realização. Neste caso, as aventuras, os crimes e a ficção científica, por exemplo, funcionam apenas como contexto a partir do qual o amor pode encontrar lugar. Seja como for, apesar de suas diferenças de temas, formas de composição e estilo, todos eles partilham o fato de serem considerados gêneros menores, pois, inclusos no interior da divisão secular estabelecida entre a literatura séria e a de entretenimento (CHARTIER, 1988). Neste contexto, os romances de amor encontram um lugar importante nas práticas culturais de consumo da contemporaneidade, sendo um dos poucos produtos massivos cuja leitura é eminentemente feminina.

Entrementes, apesar de movimentarem um mercado bilionário ao redor do mundo³, na academia, a ausência de reflexões que elegem tal objeto empírico é flagrante. Assim, embora a cultura de massa seja objeto de reflexão de várias áreas do conhecimento, desde o século XIX, pouco destaque tem sido dado a uma de suas expressões mais polêmica: a literatura de massa, também conhecida como contraliteratura ou subliteratura. Esta subdenominação estabelece uma relação dicotômica da literatura de massa com a literatura de elite, definida a primeira como simplória e sem profundidade, e, por conseguinte, inoculadora de prazeres vulgares e a última como a que educa o espírito, que instrui e que forma os indivíduos (ECO, 1970, 1987).

Esta classificação, pejorativa em relação à primeira e enaltecida perante a segunda, obedece ao que Bourdieu (1979) denomina de “gosto”, fundamento das práticas de consumo, delimitado pelo lugar que os indivíduos ocupam na hierarquia social. Esse lugar é, no entanto, determinado pelas classes dominantes, a partir dos mecanismos da distinção social, produzidos pelas primeiras para legitimarem suas escolhas culturais.

Assim, na literatura de massa, o leitor é constituído como um sujeito consumidor de livros produzidos por inúmeros autores cujos nomes, em geral, após certo tempo, não são lembrados. Em seus primórdios, estes livros eram publicados em papel de qualidade inferior, ainda que hoje possam, dependendo das pretensões editoriais, serem confeccionados com material de maior qualidade. Seja como for, o livro e seus personagens devem ser consumidos como uma cerveja ou um enlatado:

³ Os romances sentimentais são responsáveis por mais da metade de toda a produção mundial de ficção vendida na América do Norte. Esta categoria de romance gera um montante de 1,52 bilhões de dólares em vendas, superando qualquer outro gênero disponível, hoje, no mercado. Neste nicho extremamente lucrativo, a empresa Harlequin-Silhouette no mercado, no Brasil, desde os anos de 1977, publica, hoje, 80% dos romances produzidos mundo afora, sempre a preços acessíveis, geralmente, postos à venda, em banca de revistas. Os romances editados pela Harlequin-Silhouette são vendidos em mais de 108 países e traduzidos para 26 línguas. Mais de 50 milhões de mulheres ao redor do mundo leem os livros impressos pela Harlequin-Silhouette (DUNGEE, 2003; BUN, 2007).

lê-se rapidamente, e descarta-se porque o produto é perecível (SODRÉ, 1978).

Nesta perspectiva, a posse do livro é rara, ele pode ser trocado, emprestado, vendido ou abandonado em um canto qualquer, sem prejuízos para seus leitores. O processo, pois, de releitura não é frequente. O uso do livro como mercadoria faz que a literatura de massa renove constantemente as suas regras de verossimilhança e seus conteúdos, readaptando-os, seguindo de perto as expressões mais claras das transformações sociais em curso na contemporaneidade. É dentro deste processo de produção e consumo que se destaca a literatura sentimental.

A difusão mundial do gênero se deu, no Brasil, a partir do século XVIII, favorecida pela técnica da tradução. A prática de sua leitura tornou-se um hábito cultural entre as elites por todo o século XIX (ABREU et alli, 2003), intermediado, principalmente, por editoras francesas de grande porte, que tanto mediavam a tradução de romances ingleses como produziam seus próprios autores. Entretanto, somente nas primeiras décadas do século XX, com a criação de editoras nacionais, o produto inicia seu processo de ampliação de público, entrando no universo das camadas médias brasileiras.

O grande marco dessa trajetória é o lançamento da Coleção Biblioteca das Moças, da Companhia Editora Nacional (CUNHA, 1999; ANDRADE e SILVA, 2008, 2010b). Com a ditadura militar, estes livros, chegam às bancas de revistas, a preços módicos, atingindo agora também às camadas populares (ANDRADE e SILVA, 2010a). Nos anos de 1980, entram em um processo de diversificação de autores e coleções, processo este que perdura até a contemporaneidade. Em 30 anos, as editoras especializadas produziram mais de 25 coleções diferentes, com mais de 80 subdivisões, grande parte delas ainda em vigor na contemporaneidade (ANDRADE e SILVA, 2011).

A estrutura desses romances é a mesma, respondendo a características básicas que se repetem incessantemente. Trata-se de um texto, sem autonomia, regido por modelos retóricos universais, com estruturas transparentes. Sob o olhar do campo literário constituído, é orientado pela abundância de diálogos e pela exploração da curiosidade do público, com um discurso reformista, que sempre sugere soluções individuais para problemas de ordem coletiva. Este é o caso das dificuldades de ascensão social das classes populares que são resolvidas, na narrativa, a partir da mediação do casamento.

Estilisticamente, segundo o esquema de classificação da cultura oficial letrada, há a valorização de sentenças e frases feitas, cumulação de sentido sensacionalista, frequente perda de sentido e coerência, com abundância de clichês e constante descritividade de personagens e cenários. Os seus enunciados são simples, lineares, fechados, acompanhando, em teoria, a capacidade léxica das massas as quais pretende atender. Assim, os discursos, nos romances sentimentais, trabalham, em tese, sobre os mesmos motivos, reproduzidos, realocados, ou invertidos⁴.

No Brasil, esta estrutura alcançou extrema popularidade, por volta dos anos

1980, com as Coleções *Julia*, *Sabrina* e *Bianca*, vendidas em banca de revista. Autoras de romances sentimentais que se tornaram, a partir dos anos 1990, best sellers ao redor do mundo, como Janet Dailey e Nora Roberts, iniciaram suas carreiras publicando em tais coleções. Apesar da qualidade inegável do papel, das capas trabalhadas e do complexo sistema de marketing construído ao redor de seus lançamentos, inegavelmente, tais best sellers continuam a ter uma estrutura narrativa que se alicerça fundamentalmente no formato difundido por estas coleções seminais.

Nacionalmente, são encontradas ainda poucas pesquisas que elegem como objeto os hábitos de leitura de grupos ou classes sociais (MEDINA, 1975; MILANESI, 1978; LOURENÇO, 2000). Em geral, as pesquisas se restringem a estabelecer uma relação entre os hábitos de leitura e as crianças e/ou adolescentes na escola, possuindo, não só uma perspectiva pedagógica, mas também estabelecendo uma dicotomia entre literatura erudita e literatura de massa. Não é por este viés que construímos este trabalho. Nesta pesquisa, partimos do pressuposto de que as práticas culturais se apresentam sempre de forma circular (GINSBURG, 1992). Neste sentido, não se pode ignorar empréstimos e intercâmbios de valores e práticas culturais entre as classes sociais que se materializam nos conteúdos e formas encontradas nos romances sentimentais.

Deste modo, não se deve fazer correspondência estrita entre clivagens culturais e hierarquias sociais, relacionando simplesmente objetos e formas culturais particulares a grupos sociais específicos ou culturas específicas. Os romances sentimentais se inserem em circulações fluidas, em práticas compartilhadas que atravessam as barreiras sociais. Como portadores de práticas e dos pensamentos da maioria são sempre mistos, combinando formas e motivos, invenções e tradições, cultura letrada e base popular (CHARTIER, 1990).

Nesta perspectiva, este trabalho se insere na história das práticas de leitura, isto é, dos usos, das maneiras, das formas de apropriação de livros que constituem efetivamente uma prática cultural. Para entender estas práticas de leitura, faz-se necessário adentrar em dois universos distintos: o do texto propriamente dito que nos fornece princípios de leitura que estão implícitos no objeto impresso (CHARTIER, 1988) e na experiência literária (JAUSS, 1978) que este objeto constrói (o gênero propriamente dito e suas formas estilísticas) e o da vida cotidiana (o mundo do leitor). Desta forma, ainda que apresentemos a leitura implícita ou visada pelo impresso, salientamos que este viés não diz o que é a leitura efetuada. Assim, ao lado do livro, temos os usos do livro. É a fusão desses dois horizontes que constrói o que chamamos

⁴Estas avaliações revelam, nas palavras de Borelli (1997), as concepções dicotômicas do campo literário. De um lado, apresenta-se a verdadeira literatura, com suas normas, hierarquias e modelos constituídos, considerados nobres, aceitos e legitimados, advindo da cultura letrada oficial. Em oposição a ela, coloca-se um conjunto de escrituras que foge ao padrão reconhecido, necessitando de novos critérios de análise para dar conta da complexidade de sua produção, circulação e consumo.

de criação social dos bens culturais.

Afinal, quem lê tanto romance?

As formas de leitura não se reduzem a modelos propostos, existindo protocolos inseridos em diferentes grupos, com distintos leitores. A partir deste pressuposto, elegemos como objeto de análise as práticas de leitura de uma comunidade interpretativa específica, situada no município de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, na região nordeste do Brasil. Para isso, selecionamos como ponto central de reflexão, leitoras, de gerações e posições sociais diferentes, de romances sentimentais, tanto frequentadoras das bancas de revista e sebos do Centro de Fortaleza como partícipes de comunidades de leitura, presenciais e virtuais, que consomem avidamente tais romances.

Nessa pesquisa, trabalhamos com o que Radway (1987) e Fiske (1987) classificam como uma comunidade interpretativa. Comunidades interpretativas significam, aqui, um espaço no qual os leitores constroem e empregam assunções e estratégias de compreensibilidade, em relação à leitura de um dado gênero, semelhantes, mesmo que eventualmente, não tenham contato uns com os outros. No entanto, lembramos que podemos classificar essas comunidades interpretativas de várias maneiras.

Existem os “noviços”, os recém-vindos ao gênero, mas que tem interesse em aprender as suas regras e os leitores incompetentes, que não possuem hábitos de leitura e não tem interesse em tê-lo, pelo contrário, denotam até um certo desprezo por esta prática. Há os leitores “casuais”, que possuem alguma experiência da forma, mas não tem um comprometimento com o gênero. Há os leitores irregulares, que podem ter longa história com o gênero, mas não o leem com frequência, ou cuja leitura é interrompida por longos períodos (por um novo trabalho ou mudanças na rotina doméstica) e os leitores competentes, que possuem hábitos regulares de leitura e possuem grande proximidade com o gênero. É desse último tipo de leitor que trata este trabalho.

O universo da pesquisa situa estas leitoras, prioritariamente, entre os 18 e os 45 anos de idade. Nossas leitoras são atuantes no mundo do trabalho, exercendo ocupações as mais diversas, muitas delas, inclusive, trabalhando em mais de uma atividade laboral. São casadas, divorciadas, viúvas e solteiras, estas últimas predominam em número, ligeiramente sobre as casadas. A maior parte delas não tem filhos. Professam a fé católica, com uma pequena parte, constituída de evangélicas. Grande parte das entrevistadas está situada na hierarquia educacional entre o ensino médio completo e o superior incompleto. A renda média dessas mulheres, em sua maioria, se situa entre 2 e 4 salários mínimos. Entre os lazeres alocados, fora o hábito de leitura, está assistir à TV, ir ao cinema, manusear o computador e escutar música. Elas dividem a leitura dos romances sentimentais com outros tipos de romances como de aventura, suspense e policiais, além da leitura de jornais e periódicos, desde os de informação

aos de entretenimento.

Estas mulheres tanto consomem estes livros em espaços privados como públicos, de forma isolada ou de forma compartilhada, em momentos específicos ou aleatoriamente. Elas, ao mesmo tempo em que compram nas redes oficiais de venda os últimos lançamentos do mercado, entrando, inclusive, em contato com os editores que lançam as obras no Brasil, em busca de promoções, materiais de divulgação e descontos, ainda estabelecem um circuito de empréstimo no interior da sua própria comunidade de consumo, bem como permutam e negociam os romances de “coleções passadas” em bancas de revista ou em sebos.

O comércio nas bancas e nos sebos dos Centros da cidade de romances “antigos” é um negócio com características *sui generis*. As clientes desses estabelecimentos têm duas opções mercantis: 1) Podem comprar os exemplares “velhos” que se encontram amontoados, em quantidades inacreditáveis, em pilhas nas bancas e nos sebos a preços entre R\$1,50 e RS 5,00, dependendo da avaliação que o livreiro faça do valor e da qualidade da obra; 2) Podem trocar os seus exemplares antigos, acrescentando entre R\$ 0,50 a RS 2,50, ou podem realizar o sistema “2 por 1”, sem mais acréscimos. Esta avaliação depende também de uma compreensão típica do “mundo das vendas” que se baliza na percepção que o livreiro faz da intensidade do desejo de compra por parte da cliente como também do estado de conservação do livro. Por outro lado, competências específicas dos livreiros sobre as regras e formas do gênero, assim como a experiência adquirida a respeito das coleções mais procuradas e autores mais desejados também entram na pauta de negociação.

Seja como for, tanto a compra direta, como os mecanismo de troca requerem uma complexa estratégia de valorização/desvalorização do livro realizada por ambas as partes, em momentos diferentes do processo, que, obviamente, tem como fim último, a “pechincha”. Estas estratégias de valorização, do livro a ser “vendido” de um lado e desvalorização do livro a ser “trocado” de outro e vice-versa, exigem do livreiro certo conhecimento da estrutura do romance e de seu peso em suas comunidades de leitoras.

No Centro da cidade, foram visitadas 09 bancas e um sebo, localizados em torno da Praça José de Alencar e das popularmente conhecidas Praça dos Leões e Praça do Coração de Jesus. Foram a partir de contatos angariados em inumeráveis tarde, jogando conversa fora com as compradoras desses romances, clientes desses estabelecimentos que entramos em contato com as duas comunidades que ancoraram a nossa pesquisa. Assim, a nossa coleta de informações se deu em três espaços sociais distintos de Fortaleza: em bancas de revistas e em sebos do Centro da cidade, na comunidade de leitoras de romances no Orkut denominada *Adoro Romances em Fortaleza* (ARF), atuante tanto nas redes sociais, quanto em reuniões presenciais em shoppings de Fortaleza e em uma comunidade de leitoras que se reúne, periodicamente, no bairro

Granja Portugal.

A ARF é uma comunidade da rede de relacionamentos Orkut, que agrupa um total de 177 integrantes virtuais. Desses, tivemos contato pessoalmente com 15 integrantes. Na Granja Portugal, o grupo de amigas e leitoras de romances engloba aproximadamente 15 componentes. Em geral, estas mulheres se reúnem presencialmente não só para discutir romances, mas também para comemorar aniversários, jogar conversa fora, partilhar experiências relativas à vida doméstica, ao mundo do trabalho e às relações conjugais.

O grupo *Adoro Romances em Fortaleza* (ARF) se originou, em 2008, da comunidade virtual Adoro Romances, formada por leitoras de todo o País. Além da comunidade ARF no Orkut, estas mulheres montaram blogs com o mesmo fim do Orkut: divulgar livros e filmes de temática romântica, por meio de resenhas publicadas pelas proprietárias, assim como promover gincanas virtuais, cuja recompensa é algum título recém-lançado no mercado. Neles, também se encontram links para outros veículos de comunicação com o grupo, como o site no Twitter e no Facebook, e um endereço de e-mail coletivo. Após transitarem em casas particulares e em vários shoppings espalhados pela Cidade, os encontros se dão, no momento da pesquisa, no Shopping Benfica. As reuniões periódicas do grupo ocorrem geralmente, no terceiro domingo de cada mês, mas há também o que elas chamam de “Encontros fora dos Encontros”.

Esses encontros se dão quase semanalmente, no salão Rachel de Queiroz da livraria Saraiva Megastore, no Shopping Iguatemi. Lá, elas discutem o lançamento de algum livro em particular, a produção de algum autor específico ou da série a qual ele pertence. Essas reuniões terminam, quase sempre, com o sorteio de exemplares doados por editoras parceiras. A sua organização interna também comporta o gerenciamento de um livro-caixa coletivo, destinado a viagens do grupo, a assinaturas anuais de livros e revistas e a compras de lançamentos e/ou raridades pela internet, especialmente pelo site do Mercado Livre e da loja Submarino. Elas também consomem romances sentimentais digitalizados encontrados em sites o da Pégasus Lançamentos, da Prazer em Seduzir (PES), do Projeto Revisoras e Traduções (PRT) e da Adoro Romances em E-books (ARE). O poder aquisitivo e o nível de escolarização desta comunidade de leitoras são maiores do que a comunidade que atua na Granja Portugal, mas em compensação a faixa etária é mais jovem, variando em torno dos 25 anos de idade.

Coincidentemente, o grupo de leitoras da Granja Portugal também se formou a partir de 2008. Eles se reúnem no intervalo de tempo entre 1 mês a 2 meses, em casas particulares. Nos encontros, elas trocam livros, emitem opinião a respeito da trama, indicam leituras e falam sobre suas autoras preferidas, mas a conversa não está restrita ao mundo da leitura de romances sentimentais. Inicialmente, se o que as motivava era a mesma “loucura compartilhada pelos romances”, hoje, os encontros têm como mote a comemoração de algum evento do mundo privado de cada uma delas (aniversários,

batizados, formaturas etc). A faixa etária deste grupo está entre 36 e 45 anos de idade.

Em geral, as leitoras se conheceram através de contatos diretos em lugares públicos como as bancas e sebos, mas também, em paradas de ônibus, clínicas médicas, locais de trabalho e locadoras de vídeo. Costumam comprar seus livros na Banca Terruã, na Praça do Ferreira, no Centro da cidade, mas eventualmente consomem livros pelo site da Estante Virtual e pelo Mercado Livre. Em especial, no site da Estante Virtual, dizem encontrar com maior facilidade histórias mais antigas e, embora a compra seja mais cara (principalmente por causa do frete), segundo elas, quando se encontra um livro especial, vale a pena o gasto extra.

Neste contexto, o consumo de livros por parte das mulheres entrevistadas é surpreendente, tendo em vista a ideia partilhada pelo senso comum de que os brasileiros leem pouco. As mulheres entrevistadas leem, em média, entre 5 a 10 romances ao mês, com um ritmo de leitura diário ou quase diário. A leitura em grandes proporções desses romances - cada romance tem em torno de 150 a 250 páginas, a depender da coleção onde está inserido - nos leva a empregar o termo leitor competente para designar estas mulheres.

Segundo Radway (1987), o leitor competente indica um tipo de leitura regular, que acaba fazendo com que estas mulheres tenham uma trajetória histórica com o gênero. A maior parte delas começou a ler na adolescência e tem prosseguido na leitura até a contemporaneidade. Neste sentido, esta competência pode ser encontrada no próprio processo de seleção das obras a serem consumidas: a maioria de nossas experts selecionam os livros a serem comprados a partir do resumo publicado na anti-capa e do autor da obra, apesar de que a indicação de parentes/amigos também pese na decisão, mas tais influências são indicadores bem menos importantes do que seu próprio conhecimento sobre o gênero.

Assim, esta leitura célere se adequa ao formato dos romances, permitindo a rápida decifração de sequências breves e fechadas, exigindo referências explícitas, o que atesta uma leitura cheia de retomadas que permite renovar, em qualquer ponto, a leitura interrompida. Esta leitura aproximativa, que associa unidades elementares para ter uma coesão mínima não dá importância às incoerências do texto, pois, permite somente um processo de interpretação linear e não global. Tal prática que pode ser interrompida, pelas qualidades imanentes do texto, a qualquer instante, permite que essas mulheres executem este hábito cultural, em qualquer turno do dia, inclusive durante o trabalho.

Mas, a leitura de romances sentimentais não se situa somente como uma opção de lazer, mas também, uma mediação para a construção de identidades e de interações moldadas por laços de afeto e solidariedade entre o seu público consumidor. Estes laços tiveram início em encontros casuais nos postos de vendas, nos espaços públicos em geral, ou por intermédio de conhecidos em comum nas comunidades virtuais

voltadas para a discussão deste tipo de literatura. Assim, lembramos que o prazer que a leitura dos romances sentimentais proporciona não está somente na fruição do texto, mas, se encontra no fato de ser um prazer compartilhado.

As leitoras abordadas afirmam que um dos maiores prazeres oriundos da leitura é a sociabilidade que tal prática engendra. Todas as nossas leitoras afirmam “conversar com pessoas” sobre os romances, mas o fazem com diferentes interlocutores: amigas, presenciais e virtuais e parentes. Entrementes, esta rede de prazer não se situa apenas nas conversas compartilhadas sobre os livros, mas, nas relações de amizades que produzem. Assim, ler um livro é mais do que interpretar/incorporar os significados manifestos ou latentes do texto, é uma prática social cujos desdobramentos ainda estão muito longe de serem adequadamente compreendidos pela academia.

E onde se situam os romances sentimentais nas políticas públicas para leitura no Brasil?

O Brasil tem o maior parque editorial latino americano, sendo responsável por mais da metade dos livros editados no continente (LINDOSO, 2004). Mas isto não é o bastante, as estatísticas oficiais revelam que o maior obstáculo à expansão da prática de leitura no País é o baixo índice de leitura de sua população. Entrementes, a leitura de romances sentimentais, apesar de substancialmente significativa, parece não ter um grande peso na construção dos dados de pesquisa que orientam as políticas públicas para a leitura no Brasil.

Lembramos que no Brasil, as políticas públicas voltadas para o livro, presentes pelo menos a partir do século XIX, chegam até o século XXI, numa trajetória que mescla tanto ações centradas no seu controle e repressão quanto em tentativas de melhoria de seu acesso e distribuição (CROPANI, 1998). Mas, somente em fins do século XX, houve uma preocupação mais efetiva no que tange às políticas que regem o incentivo à leitura, em especial a partir de programas específicos, que se iniciam particularmente entre os anos 80 e 90 do século XX e perduram até hoje. Nesta trajetória se destaca o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL). O Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) possui quatro eixos estratégicos: democratização do acesso; fomento à leitura e à formação; valorização da leitura e da comunicação e apoio à economia do livro. No que nos interessa, aqui, estão os programas de incentivo à leitura, como os programas Próleitura, Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), Fome do Livro e Vivaleitura (BRASIL, 2004).

Ressaltamos que estes programas, ao elegerem como mediação fundamental para a prática de leitura a escola, tendo como pedra angular a biblioteca, dentro ou fora de seus espaços, acabam por desconsiderar as expressões da literatura de massa como elementos substanciais para pensar a sua efetivação, uma vez que tal literatura caminha à margem do circuito da escola e da biblioteca (a própria Lei Rouanet, que

recebe tantas críticas, na área editorial, quase sempre publica “livros de artes”, sempre trabalhando no “circuito oficial de leitura”). Cabe-nos, pois, salientar que enquanto as políticas públicas ignorarem sistematicamente a literatura de massa como uma das principais vias de acesso para o incremento dos hábitos de leitura dos brasileiros, elas tenderão a falhar em sua missão primordial: atingir as classes mais carentes cuja cultura familiar e escolar desconhece as práticas de leitura.

Reforçamos que, segundo Cropani (1998), a Unesco define os elementos que intensificam o estabelecimento das práticas de leitura em quatro, são eles: os familiares (ter nascido em uma família de leitores), os escolares (integrar um sistema escolar que valoriza o livro), os pecuniários (o livro possuir um preço acessível) e os simbólicos (o valor social atribuído ao livro). No que se refere ao nosso universo de pesquisa, os dois primeiros fatores, arrolados como essenciais para a prática da leitura, não possuem peso significativo no histórico de vida de nossas leitoras. Estas não fazem parte de uma cultura familiar de incentivo à leitura nem foram partícipes de escolas que incorporassem efetivamente tal prática. Estamos, assim, ainda perante o que chamamos de razões do improvável.

Entrementes, sabemos que no que tange à falta de acessibilidade financeira, existente em nossos grupos, esta é suprida, em parte, pelo seu sistema de trocas, empréstimos e doações, além de ser minimizada pelos usos de novas tecnologias, como o hábito de “baixar” livros nos sites, o que nos faz levantar uma reflexão sobre como o livro, em sua produção, mas essencialmente também em seu uso, tem se incorporado rapidamente às novas tecnologias. Parece-nos, portanto, improvável pensarmos, como desejam algumas correntes mais apocalípticas, no desaparecimento do livro devido à concorrência com outros bens culturais, oriundos da sociedade informatizada. Sem dúvidas, não estamos diante de um sistema de oposição, mas de uma convergência tecnológica que está criando um novo contexto de leitura sobre o qual ainda sabemos muito pouco.

Os dados de nossa pesquisa informam que os novos suportes, típicos, por exemplo, do ciberespaço, como a distribuição de cópias digitalizadas dos livros na rede mundial de computadores, com acesso gratuito ou não, tem se incorporado rapidamente às práticas de leitura da contemporaneidade e se mesclam com a leitura tradicional materializada no livro impresso. O que não compreendemos ainda com clareza é como estas duas dimensões de leitura, a impressa e a digitalizada, dialogam uma com a outra, e quais seus lugares sociais nos hábitos cotidianos de consumo de bens culturais na atualidade.

Neste contexto, o uso, inclusive, das novas tecnologias da comunicação como veículo de discussão dos romances, quer seja através de sites criados para este fim, como os citados por nossas informantes, quer seja pelo uso de chats (salas de bate papo), e-mails, SMS (mensagem eletrônica de texto para celular), messengers (para conversas),

ou blogs (diários virtuais, de uso pessoal ou profissional), nos faz refletir sobre os usos destas tecnologias como suporte para os processos de leitura contemporâneos. Além, obviamente, de provocar uma reflexão sobre seus fins políticos à medida em que a produção de conteúdos centralizados nas discussões sobre os livros podem vir a fugir das orientações editoriais que estão por detrás dos grandes lançamentos do mercado dos romances sentimentais. Por outro lado, o fato das apropriações dessas mídias sociais dependerem da interação entre as pessoas para construir conteúdos compartilhados, nos faz percebermos a necessidade premente de utilizarmos o conceito de comunidades interpretativas para refletirmos sobre o processo de leitura nas sociedades contemporâneas.

Ressaltamos que tal termo refere-se, fundamentalmente, ao fato de que o ato de ler é um processo interpretativo, partilhado socialmente, pois, os leitores, ainda que não tenham contato direto uns com os outros, compartilham assunções sobre o gênero, sua unidade temática e seu estilo, que são, em parte, encontrados na estrutura discursiva do gênero, mas em parte também numa memória narrativa que não está somente na ordem dos conteúdos mas nas das matrizes culturais que estruturam as sociedades modernas (BARBEIRO, 2004), materializadas e reatualizadas por gerações de leitores em seus múltiplos processos de interpretações do texto escrito.

Destarte, lembramos que, nas reflexões sobre as políticas públicas voltadas para o livro, em especial, àquelas direcionadas ao incentivo à leitura, praticamente não há referências à existência do que chamamos, aqui, de comunidades interpretativas. O ato de ler, ainda é percebido, pelas políticas públicas vigentes, como uma produção isolada e silenciosa, de formação individualizante. O uso do termo comunidades interpretativas, nesta pesquisa, nos remete, assim, à compreensão de que a leitura não é somente uma produção social individual mas também eminentemente coletiva. A existência de comunidades interpretativas de leitura, no caso desta pesquisa, de grupos de mulheres, que trocam entre si, informações, sentimentos e emoções, referidas tanto aos livros lidos quanto a acontecimentos de sua própria cotidianidade nos leva a perceber que a prática da leitura não pode ser mais percebida fora de uma dada comunidade que lhe dá suporte.

Por fim, enfatizamos ainda que, se o valor atribuído ao livro em si é pequeno, (ele é trocado, vendido, emprestado ou posto de lado com frequência, com raras exceções que nossa pesquisa conseguiu detectar), diríamos que o que mais pesa para os grupos estudados é o valor atribuído ao gênero, pois, se o livro, como produção material, pode ser descartado, não o é a procura incessante pelo gênero no qual tal leitura se situa, o sentimental. Assim, além de perguntarmos quem lê tanto romance, devemos começar a nos indagar também porque se lê tanto romance.

Referências

- ABREU, Marcia et all. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.
- ANDRADE, Roberta Manuela Barros; SILVA, Erotilde Honório. *O Império das Emoções e a Literatura Sentimental no Brasil*. *Contracampo* (UFF), v. 22, 2011, p. 32-44.
- ANDRADE, Roberta Manuela Barros; SILVA, Erotilde Honório. *A vida em cor de rosa: o romance sentimental e a ditadura militar no Brasil*. *Revista FAMECOS (Online)*, v. 17, 2010a, p. 41-48.
- ANDRADE, Roberta Manuela Barros; SILVA, Erotilde Honório. *Corpos que falam: erotismo, amor e paixão no romance sentimental*. *Comunicarte*, v. 30, 2010b, p. 9-25.
- ANDRADE, Roberta Manuela Barros; SILVA, Erotilde Honório. *Os romances sentimentais do Século XX no Brasil*. IN: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, 2008.
- AVERBUCK, Lúgia (org). *Literatura em tempo de cultura de massa*. São Paulo: Nobel, 1984.
- BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- BORELLI, Silvia Helena. *Ação, suspense, emoção: literatura e cultura de massa no Brasil*. São Paulo: EDUC/ FAPESP, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *La distinction: Critique sociale du jugement (A distinção: crítica social do gosto)*. Paris: Minuit, 1979.
- BUN, Jennifer C. *The effects of romance novel readership on relationship beliefs, romantic ideals and relational satisfaction*. Tese de Doutorado. Boston College, 2007.
- DUNGEE, Pamela M. *Integrated Marketing Communications at Harlequin Enterprises: the marketing of happily ever after*. Dissertação de Mestrado. Seton Hall University, 2003.
- CALDAS, Waldenyr. *Literatura da cultura de massa*. 3ª ed. São Paulo: Musa, 2001.
- BRASIL. *Constituição (1988)*. Lei 10.753, de 30 de outubro de 2003. Institui a política nacional do livro. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.753.htm>. Acessado em 18/03/2012.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHARTIER, Roger. *Du livre au livre (Do livro ao livro)*. In: *Réseaux*. Paris: Editions Rivages, volume 6, nº31, 1988, pp. 39-67.
- CROPANI, Ottaviano de Fiori. *Livro, biblioteca e leitura no Brasil*. Brasília: [s.n.], 1998. Disponível em: <<http://www9.cultura.gov.br/textos/of01.htm>>. Acessado em: 18/03/2012.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ECO, Umberto. *O Super homem de massa*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

FISKE, John. *Television culture (Cultura da televisão)*. London: Methuen, 1987.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

JAMESON, Fredric. *Archaeologies of the Future: The Desire Called Utopia and Other Science Fictions (Arqueologia do Futuro: o esboço chamado utopia e outras ficções científicas)*. Londres: Verso, 2005.

JAUSS, Hans-Robert. *Pour une esthétique de la réception (Por uma estética da recepção)*. Paris: Gallimard, 1978.

LINDOSO, Felipe. *O Brasil pode ser um país de leitores? Política para cultura/ política para o livro*. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

LOURENÇO, Daiane da Silva. *Adolescentes lêem, sim: a circulação da literatura estrangeira na escola*. IN: II Colóquio da Pós-Graduação em Letras. Campus de Assis, Editora UNESP, 2000.

MEDINA, C. A. *A função social do livro na atual realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências sociais/Sindicato Nacional de Editores de Livros, 1975.

MEURER, José Luiz. *Aspects of language in self-help counseling (Aspectos da Linguagem na auto ajuda)*. Florianópolis: UFSC, 1998.

MILANESI, Luiz Augusto. *O paraíso via Embratel: o processo de integração de uma cidade do interior paulista na sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

RADWAY, Janice. *Reading the romance: women, patriarchy and popular literature (Lendo romances: mulheres, patriarcalismo e literatura popular)*. London: Verso, 1987.

SAMONÀ, Carmelo. *Los códigos de la novela sentimental (Os códigos da novela sentimental)* IN: *Historia y crítica de la literatura española. (História e crítica da literatura espanhola)*. Barcelona: Crítica, 1980.

SODRÉ, Muniz. *Teoria da literatura de massa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

WENTWORTH, Sally. *Amor de Salvação*. São Paulo: Abril, 1982. [Série Sabrina, nº194]